

O QUADRO NATURAL E SUA OCUPAÇÃO

META

Analisar a apropriação e intervenção do homem no espaço físico, apresentando a evolução da sociedade.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:
compreender o ecúmeno e suas subdivisões e os grandes estoques antropológicos e sua localização.

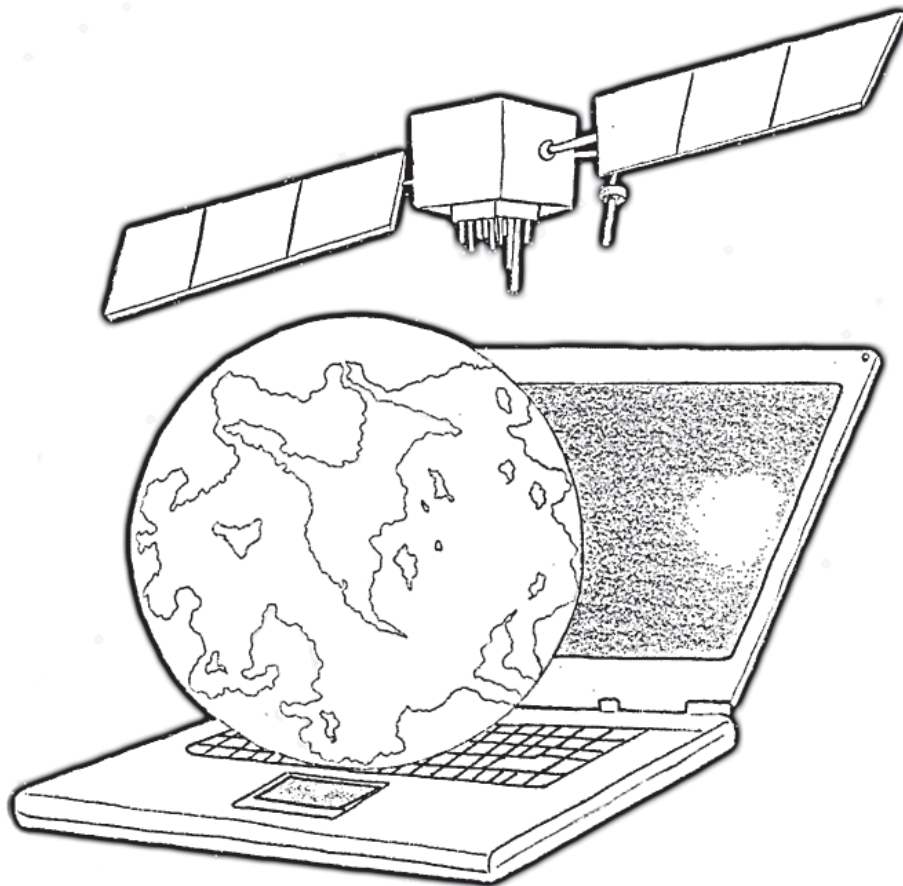
PRÉ-REQUISITOS

Ter estudado e assimilado o conteúdo da aula 01, ter sempre em mãos um Dicionário de Língua Portuguesa e o Atlas Geográfico.



INTRODUÇÃO

Então? Está preparado(a) para continuarmos essa bela viagem no tempo e no espaço? Vamos prosseguir: na aula anterior, vimos que o espaço geográfico, como objeto de estudo da Geografia, foi analisado a partir da evolução da própria disciplina. Vimos, também, que as práticas espaciais visam à gestão do território pela administração e pelo controle da organização espacial em suas formas de existência e apropriação ao longo da história. O que estudaremos, a partir de agora, é o quadro geográfico em suas diversas características e as formas de sua apropriação ao longo da história.



Samuel

A OCUPAÇÃO

Todos sabemos que a humanidade não se difundiu pela superfície do planeta Terra de maneira uniforme, mas, desigualmente devido aos obstáculos físicos existentes. Os desafios de encontrar meios de ultrapassar obstáculos, nesta ou naquela parte, estimularam o espírito e o dinamismo de cada civilização. Assim, ela se distribuiu pelas principais subdivisões continentais e subcontinentais das terras emersas. Considerando que o homem tem capacidades admiráveis e variadas de adaptação aos meios mais hostis, os obstáculos maiores, como as imensidões oceânicas, os grandes maciços montanhosos, as extensões desérticas áridas e os espaços gelados, direcionaram os fluxos mais importantes da humanidade para ocuparem áreas onde as condições de vida eram mais favoráveis a seu estabelecimento. Áreas essas que, mesmo possuindo diversidade climática (climas temperados ou quentes) e vegetação adequada (florestas ou campos), foram povoadas na proporção de seus descobrimentos.

A humanidade, sendo uma espécie da biosfera, assim como os animais e as plantas, espalhou-se concentrando-se de maneira desigual conforme os **nichos ecológicos** mais ou menos favoráveis.

Em cada um desses nichos, as espécies desenvolvem fenômenos de adaptação e de especialização que, generalizando-se localmente, chegam a associações complementares equilibradas (**biocenoses** vegetais-animais), a ecossistemas estáveis, e até a subdivisões das espécies em variedades particulares reconhecíveis por seu habitat, modos de relações coletivas de contigüidade e até mesmo por seu tipo físico. No entanto, essas regras não se aplicam à humanidade uma vez que, não sendo produto do meio (concepção determinista), organiza-se em função da abordagem desse meio que sua cultura permite.

Já vimos que culturas variadas foram estabelecidas nas diversas partes da superfície da Terra sem, contudo, se isolarem, ou seja, elas mantêm inter-relações e não cessam de, por difusão, intercambiar suas inovações e de integrá-las em seus diferentes sistemas de pensamento e de vida.



Mapa Mundi (Fonte: <http://www.sxc.hu>).

Nichos ecológicos

São formados por um conjunto de condições mínimas, fornecidas pelos meios físico e biológico, necessárias à existência e sobrevivência de um organismo ou espécie.

Biocenose

Do grego bios, vida, e koinos, comum, público. Este termo foi criado pelo zoólogo alemão K.A. Möbius, em 1877, para ressaltar a relação de vida em comum dos seres que habitam determinada região. A biocenose de uma floresta, por exemplo, compõe-se de populações de arbustos, árvores, pássaros, formigas, microorganismos etc., que convivem e se inter-relacionam.



Jogo de apropriação do Planeta Terra. (Fonte: <http://www.sxc>).

ECÚMENO E ANECÚMENO

Como você já percebeu, temos muito ainda a descobrir. Siga comigo.

O ecúmeno – isto é, a “terra habitada” (do grego *ge oikoumenè*) – representa, aproximadamente, dois terços das terras emersas, ou seja, 100 dos 150 milhões de quilômetros quadrados. Estão excluídos os desertos frios (Antártida, Groenlândia, o Grande Norte americano e o siberiano: 26 milhões de Km²), a grande Diagonal Árida do Velho Mundo, que vai do Saara ao Gobi (13 milhões de Km²) e os desertos tropicais ou subtropicais das Rochosas, dos Andes, da Namíbia e da Austrália (10 milhões de Km²). Com exceção da Antártida, diversas populações, embora em dimensão reduzida, adaptaram-se historicamente à vida em contato com esses ambientes e garantiram regularmente sua travessia. Essas regiões não apenas são vazios humanos quase absolutos – um anecúmeno com um subecúmeno –, como também têm constituído barreiras de difícil penetração entre as regiões em que a humanidade pode se aglomerar. De forma semelhante, comportam-se os maiores maciços montanhosos, especialmente aqueles que associam a amplitude de seu volume e a forte inclinação do relevo com a altitude e os rigores de temperatura e de sequeidão deles decorrentes em zona temperada. Estamos nos referindo às altas montanhas que compreendem especialmente o sistema alpino, que se estende dos Alpes ao Himalaia e é sustentado pelo enorme planalto tibetano (4 milhões de Km²), que obstrui o centro da Ásia. Esse sistema montanhoso corta a grande Diagonal Árida no coração do Velho Mundo, acentuando sua divisão em subcontinentes separados por paredes sempre estanques a civilizações.

Iceberg Perito Moreno (Fonte: <http://www.sxc.hu>).Montanhas Suíças (Fonte: <http://www.sxc.hu>).

Em zona tropical, ao contrário, os grandes sistemas montanhosos oferecem “terras frias” ou “terras temperadas” (México – América Central ou do Sul e África Oriental), que têm atraído o povoamento e a circulação de grupos humanos. Os últimos obstáculos à fixação do homem são as densas florestas equatoriais, salvo algumas áreas: principalmente a selva amazônica (5 milhões de Km²), a floresta guinéu-congoleza (2 milhões de Km²) e, secundariamente, as florestas que vão do Sudeste Asiático à Nova Guiné (2 milhões de Km²), muito fragmentadas pela interrupção do mar e pelo relevo.

OS SETE SUBCONTINENTES

Caso você imagine, como a maioria das pessoas, que nada existe além dos sete continentes, está enganado! Venha descobrir coisas novas na nossa incrível viagem!

Todos esses espaços de que tratamos até agora, os espaços frios, áridos, de altas montanhas ou de densas florestas, recortam as terras emersas, já fragmentadas em continentes, em alguns grandes conjuntos de regiões mais favoráveis à implantação humana por suas condições climáticas (temperadas ou quentes) e orográficas (planícies, planaltos e outros), que constituem as subdivisões mais importantes do ecúmeno: os subcontinentes. Estes se subdividem em outras tantas partes mais ou menos estanques, onde uma parcela da humanidade pôde estabelecer relações de produção da sociedade, que agora atravessa fase de franca expansão para obtenção de recursos alternativos que possam substituir a extração de recursos naturais não-renováveis.

(Fonte: <http://www.fotoplatforma.pl>).

As florestas encontram-se em franca expansão de desflorestamento, incorrendo em insustentável invasão/degradação de áreas, onde, prioritariamente, teria que prevalecer a proteção integral, diante da rica biodiversidade ali existente.

QUE FRIO É ESSE PESSOAL?

Com exceção do relevo, que representa uma barreira à expansão da humanidade, é o clima que ocasiona as maiores variações no seio dos subcontinentes.

As condições climáticas cortam obliquamente os subcontinentes habitados que, conforme os ventos e as precipitações, irão formar um pequeno número de grandes unidades naturais biogeográficas, ou seja, providas de caracteres biológicos comuns, expressos por uma associação equilibrada dos grandes setores do mundo vivo (biosfera) terrestre: solos, vegetação, fauna. Esses grandes conjuntos biogeográficos – biomas – materializam-se em onze formas mais ou menos adequadas à implantação humana.

Monção

Vento periódico de ciclo anual, que sopra principalmente no Sudeste da Ásia, alternativamente do mar para a terra e da terra para o mar, durante muitos meses. Na costa brasileira, sopra em direção ao norte, de março a agosto, e para o sul nos outros meses do ano.

A zona ártica e a subártica caracterizam-se pelo campo ártico (tundra) e pela floresta boreal de coníferas. A zona temperada, pela floresta de árvores frondosas, os campos de solos negros (estepe russa, campos canadenses, pampas) no interior, onde é menor a precipitação; pela paisagem mediterrânea de verão seco, pelas margens sudoestes dos continentes, e as paisagens chinesas sem estação seca, de floresta subtropical úmida, às margens sudeste. A zona tropical, segundo a umidade crescente, pelos desertos quentes, as matas de árvores espinhosas, as savanas, as florestas rarefeitas (de **monção**) e as florestas densas, “chuvosas”, equatoriais.

Esses subcontinentes, com seus principais biomas, são:

- a) o espaço mediterrâneo-europeu, coberto de florestas ao norte e a oeste; mediterrâneo ao sul, de estepes a sudeste, e assim estendendo-se até ao coração da Ásia;
- b) o espaço extremo-oriental, que reúne num mesmo clima de monção, com gradações insensíveis, a China setentrional, a Coréia e o Japão, temperados, a floresta subtropical da China meridional e as florestas tropicais da península indochinesa;
- c) o subcontinente indiano, limitado a oeste pela Diagonal Árida, ao norte pelo Himalaia, e a leste pelas cadeias de montanhas e florestas do Sudeste Asiático, dominado pela floresta de monção;
- d) o grande arco das matas, savanas e florestas rarefeitas africanas, do Cabo Verde ao cabo da Boa Esperança, passando pelos Grandes Lagos;
- e) as grandes planícies de bosques ou de pastagens da América do Norte que desembocam nos planaltos temperados mexicanos;
- f) o conjunto desconexo mas contínuo das terras altas dos Andes, do plan-

alto tropical brasileiro e dos pampas temperados;
g) as margens norte (tropicais), sudeste e sudoeste (temperadas) da Austrália.



Picos montanhosos congelados
(Fonte: <http://www.sxc.hu>).



Rochas expostas pela última glaciação
(Fonte: <http://www.sxc.hu>).

Devemos observar, caro aluno ou estimada aluna, que esses sete subcontinentes, que compõem o ecúmeno histórico atual, não constituíram um quadro permanente, pois com o aparecimento dos primeiros hominídeos, no fim do terciário, a vida no planeta foi ritmada pelas cinco **glaciações**, entrecortadas por quatro períodos interglaciários de reaquecimento, caracterizando a primeira parte do quaternário – o Pleistoceno –, que prevaleceu de 2.500.000 a 8.000 anos antes de nossa era, e assistiu à sucessão das raças humanas pré-históricas. A cada glaciação ocorria um encolhimento do ecúmeno, devido à ampliação das calotas glaciárias e das geleiras menores, bem como ao resfriamento geral acrescido de secura que, para a humanidade que ignorava como dominar o fogo, restringia o ecúmeno a suas regiões tropicais. Enquanto isso, nos períodos interglaciários, de reaquecimento, e nos períodos pluviais – menos conhecidos –, criavam-se condições favoráveis à expansão da humanidade para as regiões de latitude e de altitude mais elevadas. Por outro lado, os períodos glaciários, especificamente o último deles, ao solidificar parte considerável da água do planeta imobilizada nas geleiras polares e nos picos montanhosos, fizeram baixar o nível das águas oceânicas em cerca de 200m, deixando livres inúmeras passagens terrestres, por exemplo, entre o continente asiático e a América, o Japão, a Indonésia, a Nova Guiné e a Austrália.

Pois é! A coisa está ficando cada vez mais fascinante! É ou não é?

Até agora, falamos em eras geológicas sem mencionar a deriva dos continentes, pois este foi um fenômeno de amplitudes totalmente diversas, pertencentes a eras geológicas anteriores ao quaternário, que o homem não testemunhou. Delas restaram os contragolpes sísmicos devido ao contínuo movimento das placas continentais. No entanto, a flora e a fauna desenvolveram-se durante as últimas fases da deriva dos continentes – eras primária ou paleozóica, secundária ou mesozóica e terciária ou cenozóica –, sendo que esta última afetou profundamente a distribuição das espécies na superfície terrestre.

Glaciações

Transformação em gelo; congelamento. Formação de glaciais em uma determinada região e em diversas épocas da história física da Terra.

Os zoólogos distinguem sete grandes zonas zoogeográficas continentais: duas temperadas e frias: paleártica (norte da Eurásia) e neártica (América do Norte); quatro tropicais: oriental (sul da Ásia, sudeste da Ásia e sul da China), etiópica (África, menos o Magreb, paleártico), neotropical (América Central e do Sul) e australásica, (Austrália - Oceania), e mais uma última, fria: antártica. As três últimas eram separadas das quatro primeiras pela fenda mais profunda que durou até o terciário. Essas zonas biogeográficas não correspondem ao ecúmeno, mas podem ajudar a interpretar o modo pelo qual o próprio homem se estabeleceu nesse mesmo espaço e pôde tirar partido dos diferentes ambientes vivos preexistentes e, assim, comparar e correlacionar as duas ecologias.

AS ENTRADAS OU ESTREITOS PRINCIPAIS E AS GRANDES VIAS MARÍTIMAS

Os subcontinentes, por analogia comparados a sete nichos ecológicos mais importantes, foram ocupados em diferentes épocas da humanidade e são ligados – ou separados – por zonas de transição, entradas (desfiladeiros, vales, istmos estreitos etc.) que tiveram papel de elevada importância na história dos contatos e da difusão das civilizações. São elas:

- a) as estepes eurasiáticas, do mar Negro à Mongólia, utilizadas por todas as invasões que fluíram, ora na direção da Europa, ora na direção da China, ora do Irã e da Índia, costeadas, ao sul, pela “Rota da Seda”, ligando a China ao Oriente Médio através do Turquestão (atual Turcomenistão) e, ao norte, pela “Rota do Chá”, ligando a China à Rússia pela orla da floresta siberiana;
- b) os planaltos desérticos e os passos do Irã, unindo o Mediterrâneo à Índia;
- c) o vale do Nilo e as trilhas do Saara, ligando o Mediterrâneo às savanas sudanesas;
- d) os vales da península indochinesa, que permitiam a descida para o sul dos povos montanheses da China meridional;
- e) os estreitos do leste indonésio (linhas Wallace e Weber dos zoólogos), transpostos há 30.000 anos pelos ancestrais dos aborígenes da Austrália;
- f) o estreito de Bering, percorrido, na mesma época, por aqueles que, vindos da Ásia, iam constituir a cepa dos ameríndios;
- g) o istmo do Panamá e o colar das Antilhas, que ligam as duas Américas.

Acrescentem-se a essas passagens terrestres ou semiterrestres todas as vias marítimas, de cabotagem ou de grande curso, as quais permitiram a difusão de traços de civilização e, mais tarde, de massas humanas. As primeiras passagens, cronologicamente, na história humana, são:

- a) a dos ventos e correntes de monção que, no verão, levava da África oriental à Arábia, da Arábia à Índia, da Índia à Indonésia, e da Indonésia à China e, no inverno, no sentido inverso;

- b) a da corrente sul-equatorial, que levava da Indonésia a Madagascar;
- c) a das correntes e ventos do Pacífico, utilizadas principalmente do oeste para leste, através de todos os arquipélagos daquele oceano;
- d) as dos alísios e dos ventos do oeste, que permitiram a ligação triangular dos tempos modernos: Europa-África-América-Europa.

O POVOAMENTO DESIGUAL DOS SUBCONTINENTES E A COLONIZAÇÃO DAS ZONAS VAZIAS

O tempo que os diferentes grupos humanos levaram para descobrir essas passagens e entradas terrestres e, logo após, utilizá-las intensamente, explica com facilidade a vida compartimentalizada da humanidade nas grandes repartições do ecúmeno. Analogamente, a intensidade muito desigual do povoamento dos diferentes subcontinentes e de suas regiões, sucessivamente alcançados e pouco a pouco preenchidos pelos homens, explica-se geralmente pelo número reduzido das primeiras arribadas, que constituíram a estirpe inicial. Estirpe esta que, crescendo, tende progressivamente a disseminar-se pelo novo espaço, e pode levar milênios para passar de uma ocupação extensiva a uma exploração intensiva. Sabemos que o crescimento da população e a ocupação intensiva do solo ocorrem em regiões mais acolhedoras, ou naquelas regiões pioneiras, deixando pouco povoadas, pouco ocupadas, e até mesmo vazias, enormes zonas que apenas tardiamente foram conhecidas da humanidade.

Assim se constituem esses becos sem saída continentais, fins de mundo, ou zonas vazias, quase desertas, em tempos históricos, como a extremidade da América do Sul, a África austral, a Nova Zelândia ou a Sibéria.

O fenômeno muito lento de povoamento desses grandes espaços é inteiramente perturbado, na época moderna, pelas migrações maciças, pelas colonizações organizadas e pelas frentes pioneiras, que acabaram substituindo de maneira brutal um povoamento de agricultores sedentários pelo de criadores nômades, ou de caçadores itinerantes, muito esparso e sem marcas na paisagem. Tratava-se, na verdade, dos “sem-terra” da história, esses colonos e pioneiros, de maioria européia (América do Sul, África do Sul, Austrália, Nova Zelândia, Sibéria) e às vezes asiáticos



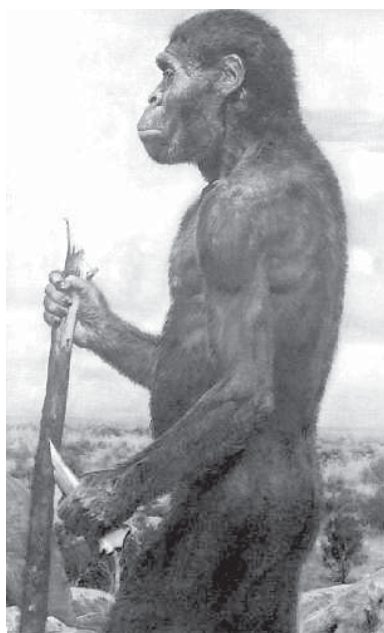
Exemplo de estepe: observe a ocupação humana.



Resquícios da presença Turca na Mongólia. O Turquestão (hoje Turcomenistão) (Fonte: <http://www.sxc.hu>).

(Manchúria, Sinkiang, Hokkaido). Essa substituição, associada à ampliação da sociedade industrial, tende a completar a ocupação de todos os grandes setores do ecúmeno, vencendo, progressivamente, os obstáculos devidos ao frio, à aridez, à altitude.

OS GRANDES ESTOQUES ANTROPOLÓGICOS E SUA LOCALIZAÇÃO - DAS RAÇAS PRÉ- HISTÓRICAS AO HOMEM ATUAL.



Australopithecus (Fonte: <http://universe-review.ca>).

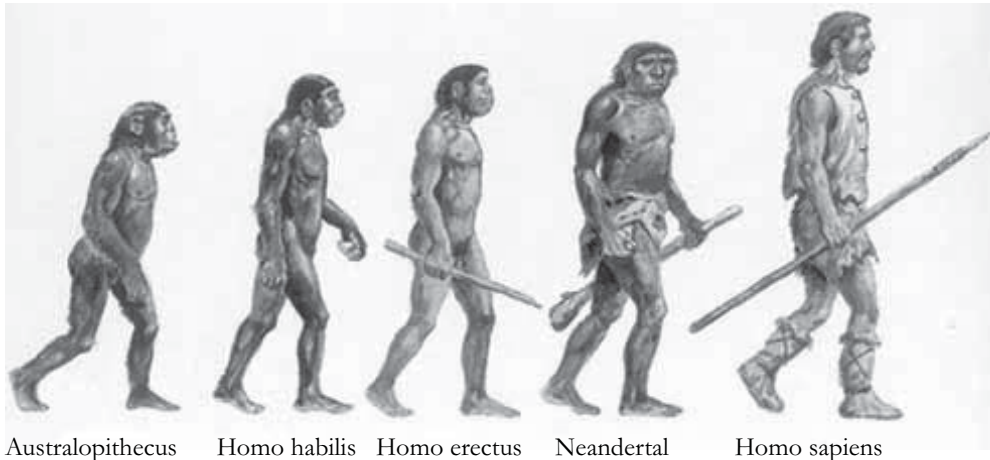
Você já deve estar pensando: como se desenvolveu o homem ao longo dessas transformações ecumênicas? – Ecumênico, no sentido geográfico!

Veja isso: as raças pré-históricas (hoje extintas) apareceram inicialmente na África, zona quente. Os primeiros hominídeos, pré-homíneos, diferentes dos macacos antropóides, mas próximos a eles, estão presentes na África do Sul e nas proximidades dos Grandes Lagos desde o último período do terciário – o plioceno -, há talvez cinco milhões de anos. São os australopitecos: o mais antigo, de tipo esbelto (*Australopithecus africanus*), e os posteriores, de tipo robusto (*A. robustus*, na África do Sul, e *Zinjanthropus*, na África oriental). Foram eles os responsáveis pelas primeiras civilizações surgidas no limiar da era quaternária (pleistoceno inferior), há cerca de 2.300.000 anos, com base no tamanho dos machados (choppers da Pebble Culture) e dos ossos, civilizações do vale do Omo, de Olduvail, que constituem o paleolítico arcaico. Há 1.800.000 anos surgiu, ao lado dos australopitecos, o *Homo habilis*, primeiro representante do gênero humano (*Homo*) que participou daquelas mesmas civilizações em que, pela primeira vez, se vê uma divisão entre atividades masculinas (caça) e femininas (cuidado das crianças e outros).

Em seguida, com o *Homo erectus*, ou arcantropo, pré-sapiens, nasceram, há 1.300.000 anos, as civilizações do paleolítico inferior, baseadas nas bifaces (acheulense) e no domínio do fogo (musteriense), que permitiria ao homem adaptar-se aos climas temperados e frios e, portanto, atingir o norte da África (atlantropo), a Europa, a Índia, a Indonésia (“pitecantropos”) e a China (sinantropo).

Com a primeira forma de *Homo sapiens* (*Homo sapiens neanderthalensis*, ou neandertalense ou paleantropo), surgiram, há cerca de 100.000 anos, por ocasião do último período glacial (Würm), as civilizações do paleolítico médio que encontramos na África, na Europa e também na Ásia, com as primeiras sepulturas. É também no decorrer dessa última glaciação, há cerca de 35.000 anos, que surgiu a segunda forma do *Homo sapiens*, o *Homo sapiens sapiens*, ou neantropo, isto é, o homem atual, que vai criar

as civilizações do paleolítico superior, baseadas num conjunto variado de utensílios e no surgimento da arte (aurignacense, solutrense, magdalenense), e que vai eliminar os neandertalenses.



(Fonte: <http://www.ralysite.com.br>).

A COMPARTIMENTALIZAÇÃO GLACIAL E A DIFERENCIAÇÃO DAS TRÊS ESTIRPES DAS RAÇAS ATUAIS

Aí você pergunta: e as raças humanas, como surgiram? Por que não somos todos iguais, brancos, amarelos ou negros?

Parabéns, excelente pergunta! Veja bem: por ocasião dessa grande glaciação wurmiana, que foi a mais longa (de ~100.000 a ~12.000), o mundo habitável não só era mais frio, como também mais compartimentalizado que o de hoje, devido à extensão do gelo. Não só a metade da América do Norte, o norte da Europa e da Sibéria estavam tomados pelo gelo, como também boa parte das cadeias de montanhas da Ásia central e do sistema alpino. Isso isolava particularmente os três setores do ecúmeno na Eurásia: o setor extremo-oriental, entre aquelas cadeias e a calota glacial do norte da Europa, e o setor indiano, ao sul daquelas mesmas cadeias; sendo que este último comunicava-se mais facilmente com os setores mediterrâneo, africano e australiano, pois a solidificação das massas de água ocasionava uma baixa do nível dos mares, de maneira que muitos dos estreitos atuais eram istmos (estreitos de Bab el Mandeb, do Bósforo e dos Dardanelos, do Pás-de-Calais, de Málaga, de Sonda, da Coréia, de Bering, de Torres e de Bass).

Essa compartimentalização da Eurásia em três nichos ecológicos relativamente estanques é que permitiu uma evolução divergente dos tipos físicos em cada um deles, a partir de uma base comum indiferenciada; evolução que, provavelmente, está na origem da divisão da humanidade atual em três grandes grupos de raças:

- a) no setor extremo-oriental, os “homíneos do Leste”, de pele fracamente pigmentada, estirpe das raças amarelas ou xantodermas, de cabelos lisos, nariz médio e tendência à braquicefalia;
- b) no setor eurasiático, os “homíneos do oeste”, de pele clara, cabelos ondulados, nariz estreito e tendência à dolicocefalia, estirpe das raças brancas ou leucodermas;
- c) no setor indiano, os “homíneos do sul”, de pele pigmentada, cabelos crespos e lanosos, de nariz largo e tendência à dolicocefalia, estirpe das raças negras ou melanodermas.

A DIFUSÃO DAS GRANDES RAÇAS ATUAIS.

Mas, professora, fala sério! Só existem mesmo três raças?!



Povo mongol (Fonte: <http://photobucket.com>).

Calma! Vamos prosseguir com o estudo! Os homíneos do leste diferenciaram-se, ali mesmo, em três grandes raças mongolóides: mongol do norte, a mais típica (com os mongóis), mongol do centro, correspondente à maioria da população chinesa, e mongol do sul (ou paleomongol, pariana), que ocupa todo o Sudeste Asiático; ao sul, em contraposição, parecem ter permanecido mais próximos do tipo original indiferenciado: raça protomalaia ou nesiota, ou Indonésia, representada entre os montanhese da Indochina e da Indonésia. Mas esse elemento viu-se associado, ali mesmo, a

contribuições mongolóides que acarretaram o aparecimento, no arquipélago, de uma segunda raça malaia (chamada, por essa razão, deuteromalaia); e a extremidade sudeste do domínio dos “homíneos do leste” é constituída pelos polinésios, que representariam outro tipo amarelo muito pouco diferenciado. A nordeste, os homíneos do leste atravessaram o istmo-estreito de Bering, em ondas sucessivas, em sua maior parte anteriores à diferenciação em raças mongólicas, o que explica a fraca acentuação dos caracteres mongolóides nos ameríndios. Apenas os esquimós (inuit), chegados por último, são nitidamente próximos dos tipos mongóis. Finalmente a noroeste, os homíneos do leste penetraram na Sibéria, suplantaram ali os brancos preexistentes, ou com eles se misturaram, criando a raça siberiana (ou paleossiberiana).

Os “homíneos do oeste” espalharam-se inicialmente na direção da Europa, onde começaram a desaparecer as geleiras, e onde suas vanguardas (as raças Cro-Magnon, Chancelade e outras) eliminaram os neandertalenses; e onde, a seguir, surgiram as raças atuais: em primeiro lugar a mediterrânea, presente em todo o contorno do Mediterrâneo e até o Saara, e a nórdica, ambas dolicocefálicas, talvez oriundas, respectivamente, das

raças de Chancelade e de Cro-Magnon; a seguir, as raças alpina, dinárica e européia do leste, produzidas pelo processo recente, tão constante na Europa quanto enigmático: a braquicefalização. Os homíneos do oeste espalharam-se também por todo o Oriente Médio, até a Índia, com raças, umas dolicocefalas, aparentada da mediterrânea – oriental do sul ou árabe, e indo-afegã ou indiana do norte –, e outras braquicéfalas, dando continuidade ao conjunto alpo-dinárico: raças anatoliana, ou armenóide, e turaniana (no Turquestão [hoje Turcomenistão] soviético e no chinês). Finalmente, haviam penetrado na Sibéria até o Pacífico, antes das raças amarelas que as suplantaram, deixando, como único núcleo leucodérmico, os ainos, do Japão.

Os “homíneos do sul” espalharam-se a partir da Índia, por ondas sucessivas, eliminando os neandertalenses. Os primeiros representando os tipos mais antigos, não verdadeiramente negros, na direção sul (vedas de Sri Lanka) e sudeste (aborígenes da Austrália). Os seguintes correspondem às raças negras surgidas mais tardiamente: os melano-indianos (ou indianos do sul), negros não negróides, que permaneceram na península; depois, um ramo oriental constituído pelos melanésios, na Oceania, e os negritos, pigmeus das ilhas Andaman, da Malásia e das Filipinas; finalmente, um ramo ocidental, constituído pelos khoisanidas (bosquímanos), que muito se parecem com as raças amarelas, os negritos (pigmeus) e os melano-africanos (raça negro-africana); e talvez, também, a raça etíope, da qual é difícil dizer se representa uma forma mista entre as raças mediterrânea e africana, ou uma forma anterior a essas diferenciações.

O surgimento recente dos três estoques principais de *Homo sapiens* – amarelo, branco e negro – nos três grandes setores norte do ecúmeno – chinês, europeu e indiano – foi seguido de uma primeira difusão pré-histórica que os levou a ocupar, separadamente ou em comum, o conjunto das regiões acessíveis.

No espaço extremo-oriental, inclusive no sudeste asiático, estão instaladas as raças amarelas, além de ocuparem as américas e a Polinésia com as raças pré-mongóis, das quais se originaram os ameríndios e os polinésios, e, finalmente, a Sibéria. As raças brancas permaneceram no domínio europeu-mediterrâneo, até o Saara, foram suplantadas na Sibéria, mas conquistaram a Índia, que partilham com a raça negra indiana. As raças negras ocupam a Índia, duas partes da Oceania (Austrália e Melanésia) e toda a África ao sul do Saara.

AS MIGRAÇÕES MODERNAS E A UBIQUIDADE DAS RAÇAS HUMANAS

Até aqui você já deve estar tonto com tanta mistura! Calma, tome um pouco de água e vamos continuar que ainda tem mais.

A distribuição da população é uma situação remanescente da pré-

Cules asiáticos

Trabalhador local, assalariado pelos portugueses em antigas colônias na China e na Índia.

Ubiquidade

De acordo com o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, ubiquidade é a capacidade de adaptar facilmente aos mais diversos meios.

Especiação

Processo de formação de duas ou mais espécies novas de seres vivos a partir de uma espécie preexistente.

história que foi alterada pelas migrações de massa modernas: colonização, tráfico de negros, “arregimentação” dos **cules asiáticos** e outros.

As populações de origem europeia são amplamente majoritárias em toda a América do Norte, na Sibéria, na Austrália e na Nova Zelândia. As populações negro-africanas compõem fortes grupos minoritários nas américas do Norte e do Sul e muitas vezes são majoritárias nas Caraíbas. Desta forma, um continente como a América Latina apresenta, distribuída em suas diversas regiões, uma quantidade diferente desses três elementos básicos: ameríndio, europeu ou africano. A antiga economia de grandes plantações proporcionou que se acumulassem as contribuições humanas europeias, africanas e asiáticas nas ilhas Antilhas, Mascarenhas, Fiji, Havaí e outras.



Povos aborígenes da Austrália (Fonte: <http://www.cascade-expediciones.cl>).

Essa **ubiquidade** das raças humanas demonstra que não se deve comparar a humanidade às demais espécies vivas, nas quais o processo de **especiação** dá origem a subespécies, ou variedades, com caracteres muito nítidos adaptados unicamente aos nichos ecológicos em que se constituíram. A difusão histórica das raças humanas demonstra que elas são capazes de se adaptar a outros ambientes naturais diferentes daqueles em que nasceram. O homem escapa ao determinismo natural, a raças atuais que não passam de variedades da mesma subespécie (o homem moderno, *Homo sapiens sapiens*, da espécie *sapiens*, do gênero *Homo*) não estão separadas por nenhum tipo de barreira. Nem genética, nem ecológica, nem cultural, todas já foram transpostas.

CONCLUSÃO

Para compreender a apropriação e intervenção do homem no espaço geográfico, é necessário saber sobre o ecúmeno e suas subdivisões: o anecúmeno, os subcontinentes, as entradas e estreitos principais e as grandes vias marítimas, bem como o povoamento destes subcontinentes e a colonização das áreas consideradas vazias. Além disso, há de se levar em consideração os grandes estoques antropológicos e sua localização, variando das raças pré-históricas ao homem atual, apontando a compartimentalização glacial e a diferenciação das três estirpes das grandes raças atuais, e a sua difusão através das migrações, ressaltando a ubiqüidade do homem atual.

Meu querido ou minha querida, agora que já sabe que é capaz de se adaptar facilmente, e antes que queira sair numa longa viagem para qualquer área habitável, na próxima aula iremos viajar pelas américas para reconhecer o seu processo de colonização e descolonização!

RESUMO

Querido aluno ou estimada aluna: vimos que a população não se espalhou de maneira uniforme pela superfície da terra. Embora o homem tenha a capacidade de adaptar-se a qualquer meio, as civilizações desenvolveram-se em ambientes mais favoráveis à vida. Dessa forma, culturas variadas foram estabelecidas em diversas partes do planeta.

Estudamos o conceito de ecúmeno, palavra originária da Grécia e que significa “terra habitada”. Vimos que ficaram excluídos desse conceito apenas as grandes geleiras e os grandes desertos. Mas, com certeza, você assimilou bem a definição de subcontinentes, esses vastos conjuntos biogeográficos.

Na seqüência você acompanhou a ocupação dos nichos através do tempo e os deslocamentos populacionais através dos caminhos naturais. Vimos detalhadamente como se deu o povoamento desigual dos continentes e a colonização das terras vazias.

Conhecemos, finalmente, os grandes estoques antropológicos, desde as raças pré-históricas até ao homem de hoje, a difusão das grandes raças atuais e as migrações modernas.





ATIVIDADES

1. Em quais critérios a humanidade se orientou para povoamento da superfície terrestre?
2. Identifique, baseando-se em pesquisas complementares, as áreas do ecúmeno e anecúmeno que apresentam atualmente grandes transformações nas condições de vida da população mundial.
3. Quanto à evolução do homem e às alterações ocorridas na superfície terrestre, faça uma análise comparativa das condições de vida atuais da humanidade, com aquelas dos primeiros povoamentos.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Como vimos, os homens utilizaram várias critérios, ao longo da história, para ocuparem os espaços sobre a Terra. São muitas, também, as regiões onde se vêem transformações profundas, tanto do ponto de vista da ocupação como de evolução das sociedades.

Fazendo-se a análise da forma de vida dos grandes agrupamentos sociais pode ser verificado como fatores econômicos interagem com os fenômenos migratórios. Também se vê como as ocupações conduzem a grandes transformações do próprio meio físico, o que até compromete o futuro da humanidade.



AUTO-AVALIAÇÃO

1. A partir desta aula, consigo entender a importância da situação ecológica do planeta Terra?
2. Posso agora identificar a integração e distinção das grandes áreas do ecúmeno e anecúmeno?
3. Serei capaz de entender a constituição populacional das diversas áreas da superfície terrestre?
4. O conteúdo desta aula foi suficiente para minha compreensão da ocupação do quadro geográfico?

REFERÊNCIAS

BRETON, Roland J. L. **Geografia das civilizações**. São Paulo: Ática, 1990.
GUERRA, Antônio José, GUERRA, Antonio José Teixeira. **Novo Dicionário Geológico-geomorfológico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.